



barthes.com.barthes

Claudia Amigo Pino¹

Rodrigo Fontanari²

Gisela Anauate Bergonzoni³

Carolina Molinar Bellocchio⁴

Priscila Pesce Lopes de Oliveira⁵

Go

Como o jogo do Go, os textos de Barthes não se definem pelo ataque. Nem ao autor, nem à cultura de massa, nem a outros críticos e certamente nem a nós, leitores. Se alguém sai ferido, não é mais do que um acidente, ou melhor, um incidente. Neste número encontramos os amores, espaços e feridas incidentais daqueles que, mesmo depois de 100 anos, ainda continuam vivendo *com* Barthes.

Perec

Antigo aluno de Barthes, Perec enriquece algumas discussões de *A câmara clara*. A partir da análise das imagens usadas (e aludidas) em seus livros, percebemos que o *punctum* não é só uma reversão do tempo que produz curto-circuito e, mesmo por um instante, encurta as distâncias. Ele também assinala, dolorosamente, o vazio abrupto de toda imagem fotográfica: essa perda de um contato e o contato de uma perda, que, quando vista pelo ângulo da escrita, torna-se ainda mais fulgurante. Reitera-se aí o abismo que se abre diante do arbitrário do signo, que evoca, sugere, rememora aquele de que se fala, porém só o traz de volta sob a forma de uma esmaecida lembrança.

Haikai

Em *A preparação do romance*, Barthes dialoga com o desconhecido: o poema. Mais especificamente, o haikai, com o objetivo inesperado de refletir sobre o romance e, conseqüentemente, sobre a história. O haikai é uma forma exemplar de notação: o "instante decisivo" (tal qual o *flash* fotográfico), em que a língua ainda não se decantou, sedimentando seus traços no fluxo contínuo das narrativas históricas. Notação em três tempos, que dá a ler a inscrição e não descrição de um acontecimento em sua singular percepção, que suspende o tempo num "instante presente", revogando qualquer fabulação própria do trabalho de rememorar um acontecimento na correnteza do tempo.

Michaux

Garabagne, nome dado a um povo imaginário por Michaux e que Barthes considerou reiterar para falar do seu Japão, os colocou em diálogo e provocou uma série de encontros e desencontros entre esses francógrafos perdidos entre palitos, haicais, *sukiyakis*, máquinas de caça-níqueis, caligrafias que se confundem com pinturas no *O império dos signos*.

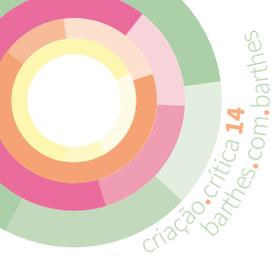
1 Professora na Universidade de São Paulo. Contato: hadazul@usp.br

2 Pós-doutorando na Universidade Estadual de Campinas. Contato: rodrigo-fontanari@hotmail.com

3 Doutoranda na Universidade de São Paulo / Université de Rennes II. Contato: giselaab@gmail.com

4 Doutoranda na Universidade de São Paulo. Contato: carolinamolinarbellocchio@hotmail.com

5 Mestranda na Universidade de São Paulo. Contato: priscilaplo86@gmail.com



Vila-Matas

A obra de Barthes é bem mais internacional que seu dono, que se definia como extremamente francês e incapaz para as línguas estrangeiras. No mundo hispânico, da Europa à América Latina, os seus textos inspiram e influenciam até hoje intelectuais, artistas e escritores. É o caso do catalão Enrique Vila-Matas, cujos romances e contos dialogam com a tradição literária e ecoam muitas de suas ideias, como a problematização da autoria literária, a reflexão sobre o diário, a busca de uma forma terceira entre ensaio e narrativa e, sobretudo, a constante impressão de estar em um romance em *Preparação*.

Masotta

Do lado latinoamericano, Barthes teve até uma espécie de duplo argentino: Oscar Masotta. Entre as décadas de 60 e 70, Barthes e Masotta mantinham uma posição de enunciação ambígua, às margens das instituições e expondo-se de forma radical na sua crítica. A experiência literária da modernidade, assim, vê-se legitimada para reivindicar uma centralidade, que depois foi se perdendo nos anos 80.

Brasil

Observemos de perto um só caso: a revista *Língua e literatura*, da Universidade de São Paulo. E vejamos como se abrem as avenidas do sentido: Barthes aparece, primeiro, como o grande estruturalista e depois é substituído pelo escritor textualista, pelo teórico da morte do autor e da ascensão do leitor, pelo interessado em cinema e, ainda, pelo estudioso da retórica; o Barthes dos anos 60 parecia definitivamente morto para a academia. Assim, entre os anos 80 e 90, desponta o escritor que nos anos 2000 seria consagrado pela crítica universitária: o subvertor da doxa.

Samoyault

Obtive acesso a muitos arquivos sobre Roland Barthes, investigou os entremeios tanto de questões filosóficas quanto políticas e literárias, passeou por várias décadas, até chegar aos derradeiros instantes do biografado. Relatou o período da guerra, a experiência da tuberculose, a Liberação, alguns momentos de vivência no exterior, a ascensão do *Nouveau Roman*, a vanguarda literária de *Tel Quel*, a polêmica em torno de Racine, a aventura semiológica estruturalista, os mecanismos íntimos da leitura, os *Fragments de um discurso amoroso* e, finalmente, após o falecimento da mãe, *A Câmara Clara*. Mas em seus muitos caminhos entre a vida e a explicação da obra, as interpretações críticas deixaram lacunas em um terreno e não fertilizaram o outro, uma vez que não deram conta de enfrentar o estado atual da exegese barthesiana.

Rancière



O seu fantasma ronda a obra de Jacques Rancière: Barthes aparece com um Mallarmé político, com Michelet, com o *fait divers*, com Flaubert (que ele defende como uma arte popular), com a política da estética, com a valorização do espectador e com sua reflexão sobre as imagens pensativas. Era de se esperar que Barthes fosse uma referência, ou inspiração, ainda que incidental. Mas, pelo contrário, Rancière faz dele um sua ferida, um homem de um outro tempo – o velho modernismo – para melhor participar do seu.

Maulpoix

No jogo do Go, não há ataques, nem há casas para cada peça. Todo o jogo se dá nas intersecções. Há um último texto nesta revista em que Barthes não está presente, mas está refletido. Ali se fala do lirismo moderno, quando não há mais um sujeito que pensa, um *eu*: a reflexão, de qualquer forma, não está ausente: os próprios vocábulos se iluminam com reflexos recíprocos, segundo o modelo mallarmeano. O poema é um objeto de língua refletido, do mesmo modo que é um objeto segundo o qual a língua por si mesma *se reflete*. É assim que, mesmo em versos, mesmo poema, depois de Baudelaire, ele não pode deixar de ser crítico.

Da mesma forma que Barthes, mesmo crítico, mesmo acadêmico, mesmo professor, usando o sabor das palavras, não pode deixar de ser poeta.

Referência eletrônica: PINO, Claudia Amigo; Fontanari, Rodrigo; BERGONZONI, Gisela Anauate; BELLOCCHIO, Carolina Molinar; OLIVEIRA, Priscila Pesce Lopes de. Editorial: barthes.com.barthes. Revista *Criação & Crítica*, n. 14, p. I-III, junho 2015. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/criacaoecritica>>. Acesso em: dd mm aaaa.